

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

JULIANA CARVALHO DE SOUZA DA COSTA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

O romance romântico aparece no Brasil como um gênero de fácil aceitação, principalmente para o público burguês, abordando temas comuns da vida cotidiana. Sua produção inicia-se apenas em meados do século XIX, a partir do contato com outras nações decorrente do processo de independência, em 1822, quando países como França, Inglaterra e Alemanha já tinham a tradição da ficção. No Brasil, o romance nasce em meio a uma busca pela identidade nacional e, mais do que a produção poética, busca fornecer as respostas sobre as tradições, o passado histórico e os costumes do país em uma verdadeira investigação sobre os espaços nacionais. Um exemplo disso é o livro “*Iracema*”, de José de Alencar, que reflete linguagem usada na época e o estereótipo indígena.

I

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do Sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora;

Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!...

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio. Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso.

Que deixara ele na terra do exílio?

Uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a Lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas; desaparece no horizonte. Abre-se a imensidade dos mares; e a borrasca enverga, como o condor, as foscas asas sobre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspeie a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim à discrição do vento, airoso barco, volva às brancas areias a saudade, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

II

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/Joseddealencar/iracema>

htm acesso em 15/03/2013

Frondes: conjunto de folhas e ramos de uma árvore. Vaga: onda. Lenho: embarcação. Rafeiro: cão pastor. Agro: que demonstra mágoa. Jati: pequena abelha que fabrica um delicioso mel. Ipu: assim chamam, ainda hoje, no Ceará, a certa qualidade de terra muito fértil, que forma grandes coroas ou ilhas no meio dos tabuleiros e sertões, e é, de preferência, procurada para a cultura. Tabajara: senhor das aldeias; de taba, 'aldeia', e jará, senhor. Oiticica: árvore frondosa, apreciada pela deliciosa frescura que derrama sua sombra. Esparziam: espalhavam, derramavam, difundiam. Aljôfar: orvalho da manhã; gotas d'água; pérola miúda.

Roreja: molha com pequenas gotas. Mangaba: fruto da mangabeira. Gará: ave aquática, de penas avermelhadas, mais conhecida pelo nome de guará. Ará: periquito. Uru: cestinho que servia de cofre às selvagens para guardar seus objetos de maior preço e valor. Crautá: bromélia vulgar de que se tiram fibras tão ou mais finas que as do linho. Juçara: palmeiras de grandes espinhos, dos quais se servem, ainda hoje, para dividir os fio da renda. Sesta: hora em que se descansa ou dorme após o almoço. Ignotos: desconhecidos, ignorados. Lesta: rápida, ligeira, ágil. Uiraçaba: o mesmo que aljava; pequeno estojo para guardar as flechas. Quebrou a flecha: era, entre os indígenas, a maneira simbólica de estabelecerem a paz entre as diversas tribos, ou mesmo entre dois guerreiros inimigos.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

O texto que você acabou de ler faz parte dos capítulos I e II da lenda criada por Alencar, intitulada “Iracema”, em que o autor explica poeticamente as origens de sua terra natal. A “virgem dos lábios de mel” tornou-se símbolo do Ceará, e o filho, Moacir nascido de seus amores com o colonizador branco, Martim, representa o primeiro cearense, fruto da integração das duas raças.

A dramaticidade da história, o destino infeliz da bela Iracema, a linguagem poética de Alencar – tudo isso contribuiu para fazer do livro um dos mais famosos de nossa literatura.

Ao descrever Iracema, o narrador recorre a comparações com elementos da natureza. Comente essa utilização, tendo em vista o Romantismo brasileiro.

Habilidade trabalhada

Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.

Resposta comentada

É importante ressaltar que o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo, foram características marcantes do Romantismo brasileiro. Em “Iracema”, José de Alencar recorre a comparações com elementos da natureza para descrever a personagem; ela é posta em um cenário natural de grande beleza, estando perfeitamente integrada nesse meio, pois a própria natureza parece rodeá-la de cuidado e carinho. O objetivo do autor é conseguir a integração da personagem ao meio ambiente, valorizar a nossa natureza e propagá-la. A linguagem utilizada por ele também foi um elemento importante para fixar o nacionalismo literário.

TEXTO GERADOR II

Senhora é um romance urbano do escritor brasileiro José de Alencar, publicado em 1875, na forma de folhetim.

Na narrativa, o autor mostra a hipocrisia da sociedade fluminense durante o Segundo Império. Através do romance entre Aurélia Camargo e Fernando Seixas, ele leva o leitor a refletir a respeito da influência do dinheiro nas relações amorosas e, principalmente, sua influência nos casamentos da época. O romance divide-se em quatro partes, que correspondem às etapas de uma transação comercial: Preço, Quitação, Posse e Resgate.

A seguir, você lerá um trecho do primeiro capítulo desta tão importante obra.

O Preço

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e formosa.

Duas opulências, que se realçam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda da Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da Corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira o seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidez informações acerca da grande novidade do dia.

Dizia-se muita coisa que não repetirei agora, pois a seu tempo saberemos a verdade, sem os comentários malévolos de que usam vesti-la os noveleiros.

Aurélia era órfã; e tinha em sua companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade.

Mas essa parenta não passava de mãe de encomenda, para condescender com os escrúpulos da sociedade brasileira, que naquele tempo não tinha admitido ainda certa emancipação feminina.

Guardando com a viúva as deferências devidas à idade, a moça não declinava um instante do firme propósito de governar sua casa e dirigir suas ações como entendesse.

Constava também que Aurélia tinha um tutor; mas essa entidade desconhecida, a julgar pelo caráter da pupila, não devia exercer maior influência em sua vontade, do que a velha parenta.

A convicção geral era que o futuro da moça dependia exclusivamente de suas inclinações ou de seu capricho; e por isso todas as adorações se iam prostrar aos próprios pés do ídolo. (...)

<http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/Josedalencar/senhora.htm>

Acesso em 14/03/2013

TEXTO GERADOR III

A Moreninha é um dos principais romances brasileiros e seu autor, ao lado de Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo e outros (poucos) é um dos mais importantes autores da língua portuguesa. Este livro, centrado no romance entre

Augusto e Carolina, é um dos pilares de nossa literatura. A seguir, você lerá uma resenha crítica da obra A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo.

A inseminação de um novo estilo literário no Brasil

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha (Col. Travessias). São Paulo. SP: Editora Moderna, 1993.

Quatro estudantes de Medicina reunidos em um quarto num momento de ócio conversam sobre os sortilégios do amor. Augusto se diz um homem fiel ao seu sentimento afirmando que não se apaixona tão facilmente por uma mulher. Convidado por Felipe, juntamente com mais dois amigos, Fabrício e Leopoldo, a passarem o fim

de semana na casa da avó de Felipe, D. Ana, Augusto é posto à prova. Por ele garantir aos seus colegas ser incapaz de amar uma mulher por mais de três dias, os três propõem um desafio: a partir daquele fim de semana, Augusto irá se envolver sentimentalmente com uma das moças, apenas uma, por, no mínimo quinze dias. Caso Augusto perca a aposta, terá de escrever um livro, um romance no qual contará a história do seu primeiro amor duradouro.

Lançado em 1844, a obra de Macedo é considerada o primeiro romance do Brasil. Um ano antes da publicação de A Moreninha, Teixeira e Souza havia publicado O Filho do Pescador; considerado o marco da prosa romântica no país. Porém, como a obra contava com uma trama pouco articulada, confusa e sem o acabamento formal e uma estrutura límpida, não chegou a alcançar grande êxito.

(...)

A Moreninha segue a estrutura típica do romance romântico: a superação do herói de todos os problemas para, ao final, concretizar seu grande amor. Para isso, tal esquema segue um recurso literário relativamente incomum para a época: o uso da metalinguagem. O livro não narra apenas o nascimento do romance (no sentido de caso amoroso) entre Augusto e Carolina, mas é também a história de sua própria criação enquanto romance, forma literária

consagrada no Romantismo que pressupõe uma longa história em prosa girando em torno dos desdobramentos de um enredo, envolvendo certo número de personagens. (Há certa semelhança entre os heróis e heroínas do romance com a vida particular de Macedo. Vários obstáculos o autor teve de enfrentar para

conseguir a mão de sua amada, Maria Catarina Sodré, prima-irmã do poeta Álvares de Azevedo. Depois de um namoro de dez anos, Macedo conseguiu a aprovação do velho Sodré e, segundo consta, Catarina foi a moça que inspirou Macedo a criar a personagem Carolina, a moreninha mais famosa do Romantismo.)

O protagonista Augusto é um estudante alegre, jovial, inteligente e namorado. Dotado de sólidos princípios morais, fez um juramento amoroso no início da adolescência que retardará a concretização de seu amor por

Carolina. É o impedimento de ordem moral que permitirá o desenvolvimento de várias ações até que, ao final da história, a jovem Carolina é quem revelará a Augusto a menina por quem ele jurara amor eterno (exaltação ao sentimento de amor). A caracterização de Augusto é feita por etapas. No início seus colegas o vêem como romântico e inconstante; mais tarde Augusto confessa que sua inconstância é, na verdade, uma forma de disfarçar sua fidelidade a um amor não realizado.

Carolina é a personagem significativa para a criação de um mito romântico estritamente brasileiro: é jovem e “moreninha”, ou seja, morena de um tom leve e agradável, e não profundo e sedutor como outras heroínas da época. É também travessa, inteligente e astuta. O perfil de Carolina atualiza e recicla outro mito romântico que mais tarde reaparecerá na prosa de José de Alencar e na poesia de Gonçalves Dias: o índio brasileiro. Carolina tem, portanto, um lastro poético indianista refletindo a preocupação literária da época em criar e valorizar elementos culturais da então jovem nação brasileira.

Toda a ação da obra gira em torno da Ilha de Paquetá, na Baía de Guanabara, uma ilha paradisíaca, cenário ideal para o desenvolvimento de uma trama romântica, de casos amorosos, revelando o olhar do escritor romântico que busca na natureza o material poético

capaz de legitimar nossa identidade cultural. É lá onde vivem D. Ana e sua neta Carolina. Apenas no início e no fim do romance é que podemos presenciar as personagens na cidade do Rio de Janeiro.

Há na obra traços que sintetizam o contexto histórico e social de nossa Literatura romântica. O quarto do estudante refletindo o Rio de Janeiro de então que rapidamente se urbaniza e sofisticava seus serviços (por exemplo, as faculdades que surgiram poucos anos antes de a obra ser concluída), e sua vida social, fazendo parecer uma burguesia consumidora, entre outras coisas, de livros.

O estilo de Macedo segue uma linguagem ágil, viva, introduzindo o leitor diretamente no centro da ação (um exemplo é o primeiro capítulo “Aposta imprudente” em que os diálogos entre os estudantes seguem diretos, sem a interferência do narrador onisciente). Ao longo do texto o narrador limita-se a conduzir o leitor pelos ambientes e pelo interior das personagens (Capítulo XIX – “Entremos nos corações”) orientando o leitor a acompanhar todas as ações. Macedo também costuma ser econômico nos comentários e nas descrições. Outra característica: a progressão e o flashback. Um recurso que o autor utiliza para guiar o leitor pelos meandros da história sem perda de tempo sabendo quando é necessário ceder a voz às personagens a fim de retardar o fluxo narrativo. É o caso, por exemplo, do Capítulo II – “Fabrício em apuros” em que é reproduzida na íntegra a carta de Fabrício a Augusto contendo, além de uma aula sobre o amor romântico, informações essenciais da história.

O mesmo narrador cede quatro capítulos (do VII ao X) para reproduzir, não apenas a conversa entre Augusto e D. Ana na gruta, como também o texto da lírica balada cantada por Carolina. Percebe-se nesse ponto a vocação do romance para incorporar outros gêneros literários, como a poesia lírica.

As heroínas de Macedo, longe do esquema dos super-heróis míticos que povoam o Romantismo, não deixam de constituir seres excepcionais. Nos homens eles adquirem um caráter retido, são corajosos, fiéis e absolutamente honestos enquanto que nas jovens heroínas destaca-se o perfil idealizado, com ar de entidades sobre-humanas, quase divinas, bem de acordo com os padrões femininos valorizados pelo Romantismo.

Por fim, podemos dizer que Joaquim Manuel de Macedo, sendo fiel demais ao seu tempo, passou com ele, e hoje sua obra, do ponto de vista sociológico, nos interessa mais como documento do modo de sentir e viver de uma época do que especificamente um documento literário. Seus enredos mirabolantes ainda podem prender a atenção de um leitor menos exigente. Ou ainda, que a travessa e simpática Carolina nos faz reler A Moreninha, é um mérito maior de Macedo mesmo residindo no caráter documental de sua obra, tendo contribuído efetivamente para a difusão e aceitação do romance urbano entre os leitores brasileiros, preparando-os, ainda no século XIX, para o José de Alencar e Machado de Assis.

SAMPAIO, Rodrigo. In: <http://encontreumconto.wordpress.com/2010/04/05/resenha-critica-da-obra-a-moreninha-de-joaquim-manuel-de-macedo/>. Acesso em 15/03/2013.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

No ciclo passado, estudamos as características do resumo. A seguir, apresentamos um exemplo de resumo da obra “*Senhora*”, de José de Alencar, já estudada por nós. Leia-o com atenção, a fim de realizar a atividade de produção de texto.

Senhora

Aurélia Camargo era uma moça pobre, tinha perdido o irmão e o pai; sua mãe, temendo morrer e abandonar a filha desamparada, insistia para que ela fosse ficar na janela pra ver se arrumava um casamento. Realizando tal desejo, conseguiu muitos admiradores e um grande e único amor, Fernando Rodrigues Seixas.

Fernando vivia com a mãe e duas irmãs, levavam uma vida pobre, pois viviam do aluguel de dois escravos, da costura e da pequena ajuda que Fernando dava com seu emprego público. Fernando estava apaixonado por Aurélia e decidiu pedir sua mão em casamento, porém logo mudou de ideia, pois sabia que casando com ela teria uma vida pobre e perderia sua liberdade, deixando assim de frequentar a sociedade.

Assim o romance se esfriou e o noivado foi rompido. Fernando resolveu se casar com Adelaide, pois receberia um dote de trinta mil contos de réis.

Neste mesmo período o avô paterno de Aurélia apareceu, mas faleceu logo em seguida, quase ao mesmo tempo em que sua mãe, no entanto seu avô lhe deixara sua rica herança. Aurélia tornou-se uma moça rica. Sua tutela foi entregue a seu tio Lemos, que havia cortado as relações com a mãe de Aurélia há tempos. Mas ela preferiu viver em uma casa com D. Firmina, uma amiga viúva que a tinha amparado quando ficara sozinha no mundo.

Fernando viajou para Recife na esperança de escapar do casamento. Com sua ausência, Adelaide se reaproximou de Dr. Torquato Ribeiro. Aurélia lhe havia devolvido cinquenta mil contos de réis que a muito lhe devia e assim o pai de Adelaide lhe consentiu a mão da filha. Quando Fernando voltou já estava livre do casamento, foi então que Lemos lhe propôs casar-se com uma moça em troca de um dote de cem mil contos de réis, ele acabou por aceitar e recebeu um adiantamento de vinte mil contos de réis, logo depois conheceu a moça, que era Aurélia. Alegrou-se, pois sempre a amara.

Fernando e Aurélia se casaram. No quarto de núpcias, quando Fernando se declarou, Aurélia friamente entregou-lhe o resto do dote e disse que ele a pertencia, afinal acabara de comprá-lo. Nessas condições passaram a viver um falso casamento, dormiam em quartos separados e sempre se tratavam intimamente com sarcasmo e ironia. Com o decorrer do tempo Fernando se dedicou ao trabalho de servidor público e Aurélia passou por um longo tempo se isolando de todos. Depois de tal isolamento dedicou-se a festas, visitas e pequenas reuniões contínuas.

Ao voltar de um baile quase houve uma reconciliação, no entanto ela não aconteceu. Então durante uma valsa, em um baile próprio, Aurélia desmaiou e acabaram sozinhos no quarto dela. Nesse momento quase houve novamente uma reconciliação, mas Fernando sem querer disse palavras que ofenderam a sua esposa. Voltaram

para o baile, ainda vivendo de aparências. Quando o baile acabou cada um foi para seu quarto, Aurélia, baseando-se nos recentes acontecimentos, concluiu que Fernando

realmente a amava, quase foi ao encontro dele, mas precisava ter certeza e abandonou assim a ideia.

Nos dias seguidos Fernando recebeu o dinheiro que havia ganhado através de um investimento, pediu para conversar com Aurélia. Após o jantar foram para o quarto dela, ele entregou a ela um cheque com o valor que ela havia pagado pelo dote e mais os outros vinte mil contos de réis, conquistados no trabalho na repartição e com o lucro do investimento. Declarou-se livre, pois havia lhe devolvido o dinheiro com o qual ela o havia comprado. Considerando-se dois estranhos, despediram-se. Nesse momento Aurélia confessou todo o amor que tinha por Fernando, afirmou que sendo eles agora estranhos o passado havia sido esquecido e assim podiam viver o amor que sentiam. Fernando, ao ouvir tal confissão, beijou sua esposa e assim reconciliaram. Ele de repente hesitou, o dinheiro de Aurélia os impedia de se amarem, ela então pegou em uma gaveta um documento, tratava de seu testamento, no qual deixava tudo para Fernando. Nessas circunstâncias, uniram-se no “amor conjugal”.

CABRAL, Rebeca. In <http://vestibular.brasilescota.com/resumos-de-livros/senhora.htm>. acesso em 16/03/2013.

REFERÊNCIAS

Língua e Literatura – Faraco e Moura – volume 2;

Português: Literatura, gramática e produção textual –Leila Lauar Sarmiento e Douglas Tufano - volume 2;

Português, Linguagens – William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães – volume 2.

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS DECORRENTE DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

Foram notadas mudanças no comportamento / rendimento / interesse dos alunos? E no resultado das avaliações?

A satisfação e o interesse dos alunos pelo período da literatura denominado Romantismo foi notório desde o início.

Pude perceber que os poemas/ vídeos que tematizavam o amor, a exaltação da natureza e a busca por liberdade, muito interessaram meus alunos. Acredito que a linguagem simples, brasileira e mais próxima deles ajudou muito, assim como uma temática muito condizente com a faixa etária dos discentes. Alguns alunos chegaram a fazer um paralelo com os movimentos anteriores, explicitando a dificuldade que tiveram de entendimento por causa do rebuscamento e distanciamento de suas realidades.

Ao iniciarmos o estudo da prosa romântica, percebi que o interesse ainda foi maior, principalmente por estudarmos obras que tratavam do amor em diferentes ambientes (tipos de romances). Observei que à medida que íamos estudando um romance, eles iam comparando com novelas e filmes da atualidade, o que despertava o interesse e facilitava o aprendizado.

Dentre todas as obras estudadas e analisadas, a que despertou maior interesse foi “*Senhora*”, de José de Alencar. A mistura de amor e interesse fez com eles se prendessem a essa trama e participassem muito das aulas.

Volto a ressaltar que o maior impedimento para que o trabalho fosse bem executado foi a ‘corrida contra o tempo’. Deveríamos ter na nossa grade aulas, pelo menos duas, dispensadas puramente ao estudo da Literatura. É praticamente impossível trabalhar Português e Literatura em quatro tempos. Se os alunos tivessem mais tempo para se dedicarem à literatura, veríamos um ótimo reflexo nas outras disciplinas.

Quanto às avaliações, o resultado foi muito bom. Através de uma prova que misturava questões objetivas e subjetivas, consegui ver que muito do que estudamos ficou em suas mentes, o que me encheu de alegria e pude ver que ‘tudo valeu a pena’. Meu esforço e dedicação foram revertidos em resultados.

Ao longo dos ciclos, também avaliei meus alunos pelas produções textuais elaboradas e trabalhos (em dupla e individuais).

Agora, espero ansiosa pelo Saerjinho, com esperança de que tudo vai dar certo, pois houve dedicação e compromisso, tanto por mim, quanto por meus alunos. É só aguardar!